

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

“DESARROLLO TERRITORIAL Y MERCADO DE TRABAJO” - C/A Desarrollo Regional
(Urbano y Rural)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL: DESAFIOS DA EXPERIÊNCIA DE
DISTRIBUIÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO CIRCUITO DA REDE ECOVIDA DE
AGROECOLOGIA

autores: Marcelo Ometto Filippini, graduando em Ciências Sociais
e Eduardo Firak Cordeiro, graduando em Ciências Sociais.

marcelofilippini@gmail.com; eduardocvel@yahoo.com.br

palavras chave: Desenvolvimento Territorial; Comercialização; Rede Solidária.

Introdução

Com a invasão dos supermercados nas cadeias de distribuição alimentar, fato histórico recente, tendo seu ápice nos anos 80 e 90, aquilo que consumimos, como e onde consumimos tornou-se extremamente vinculado à lógica de mercado, que reforça uma visão estreita do consumo e da comercialização.

Somado ao forte monopólio na distribuição alimentar, também se observa que mais de 80% da compra de alimentos se realiza em redes de supermercados de grande porte, denotando a falta de escolha que os consumidores encontram em opções de onde comprar e a grande dificuldade que os produtores tem para chegar aos consumidores, distanciando por sua vez a produção do consumo. Este modelo de distribuição moderna tem graves implicações não apenas para o agricultor e para o consumidor, mas também afeta o desenvolvimento territorial, o comércio local, o meio ambiente e o próprio estilo de consumo. (VIVAS, 2007).

Este artigo tem como objetivo relatar e analisar a experiência do Circuito da Rede Ecovida de Agroecologia, que funciona como uma distribuidora/coletadora solidária de produtos agroecológicos na região sul do Brasil, mais especificamente nos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná e de São Paulo.

A Rede Ecovida de Agroecologia foi criada em 1998, com o objetivo de fortalecer a agricultura familiar ecológica na região Sul do Brasil, e assim dar maior visibilidade política ao movimento agroecológico nesta região. É formada por cerca de 150 organizações de agricultores ecológicos, 15 cooperativas de consumidores, 23 ONGs e mais de 100 feiras agroecológicas. A Rede abrange 170 municípios espalhados nos três estados da região Sul (REDE ECOVIDA, 2005)¹. A Rede Ecovida de Agroecologia tem como missão “*ser um espaço de articulação, interação e ação para potencializar o desenvolvimento da agroecologia, como parte da construção de um projeto de sociedade que contemple e respeite a realidade de cada povo.*” (ARL: 2007, p. 14)

Tendo em vista as dificuldades encontradas para a comercialização de produtos agroecológicos, sobretudo em relação ao transporte dos produtos do meio rural para as cidades, algumas cooperativas, associações e ONGs vinculadas à Rede Ecovida de Agroecologia se articularam conjuntamente para enfrentar estas limitações. A partir disso foi criado o Circuito Sul de Circulação de Alimentos da Rede Ecovida de Agroecologia. O engenheiro agrônomo Natal João Magnanti, também secretário de administração e finanças do Centro Vianei de Educação Popular, nos relata o início desta experiência com maiores detalhes:

“ *Em meados de 2006, a Cooperativa Ecoserra de Lages (SC),*

¹ www.ecovida.org.br

a Associação Regional de Cooperação e Agroecologia (Ecoterra) de Erechim (RS), a Associação para o Desenvolvimento da Agroecologia (Aopa) de Curitiba (PR) e a Associação Cooperafloresta de Barra do Turvo (SP) se articularam para desenvolver a proposta de um sistema de comercialização baseado nos princípios da economia solidária e da Agroecologia”. (MAGNANTI: 2008, P. 26)

Objetivos

Um dos principais objetivos do Circuito Sul de Circulação de Alimentos da Rede Ecovida de Agroecologia é incentivar outro estilo de comercialização e de transporte, pautado nos princípios da economia solidária. Além de estar sempre transportando alimentos saudáveis, de origem social, ética e ambiental segura dentro de uma perspectiva de fortalecimento ao *desenvolvimento territorial sustentável*.

Atualmente o Circuito Sul de Circulação de Alimentos da Rede Ecovida de Agroecologia conta com 13 organizações integrantes, dentre elas cooperativas, associações e ONGs articuladas ao desenvolvimento rural. Estas 13 organizações se espalham nos três estados da região sul, e no estado de São Paulo, da seguinte forma: três organizações no Rio Grande do Sul, cinco organizações em Santa Catarina, quatro organizações no estado do Paraná e uma no estado de São Paulo (ver tabela abaixo).

Tab. 1 Organizações que atualmente integram o Circuito	
São Paulo	Associação Cooperafloresta (Barra do Turvo)
Paraná	Associação de Agricultura Orgânica do Paraná - Aopa (Curitiba), Associação dos Produtores Orgânicos do Médio Oeste do Paraná (Apomop), Cooperativa das Família Agroecológicas - Cofaeco (São Materus do Sul), Associação dos Produtores Ecológicos de Palmeira - Apep
Santa Catarina	Centro Vianeí de Educação Popular (Lages), Centro de Estudos e Promoção de Agricultura de Grupo - Cepagro (Florianópolis), Cooperativa Ecossera (Lages), Cooperativa de Organização, Produção e Comercialização Solidária do Planalto Norte de Santa Catarina (Comsol), AS-PTA (Porto União)
Rio Grande do Sul	Centro Ecológico Serra (Ipê), Centro de Comercialização de Ipê, Associação Ecoterra (Três Arroios), Centro de Alternativa Populares - Cetap (Passo Fundo)

Fonte MAGNANTI: 2008, p. 27.

O Circuito trabalha de acordo com alguns princípios, que o caracteriza de maneira diferente em relação à comercialização convencional de produtos alimentícios. Em relação ao primeiro princípio, para integrar o circuito é necessário que todos os alimentos sejam orgânicos, e produzidos de forma ecológica por agricultores que estejam vinculados à Rede Ecovida de Agroecologia, assim como, que possuam o selo de Certificação Participativa. Outro requisito para se integrar ao circuito é que os agricultores envolvidos se enquadrem na Agricultura Familiar, sendo assim caracterizados como pequenos e médios produtores agrícolas.

O segundo princípio do sistema do Circuito se refere à co-responsabilidade que todos os participantes do Circuito da Rede têm em relação às mercadorias dos outros produtores de outros locais. Ou seja, as organizações que vendem - sejam elas cooperativas, associações, ou agricultores familiares independentes – devem também se comprometer em comprar os produtos do Circuito, com o intuito de que todos sejam beneficiados, não só vendendo seus próprios produtos, mas também ajudando a vender os produtos dos outros participantes do Circuito. Isso também traz a vantagem de uma maior diversidade de mercadorias ofertadas nos mercados locais; como mercados, feiras, consumidores associados à Rede Ecovida, dentre outros. Além disso, esse sistema de co-responsabilidade mútua pelas mercadorias dos diferentes produtores de diversas estações e sub-estações do Circuito propicia uma grande economia nos gastos com frete, uma vez que os caminhões nunca circulam vazios entre as estações.

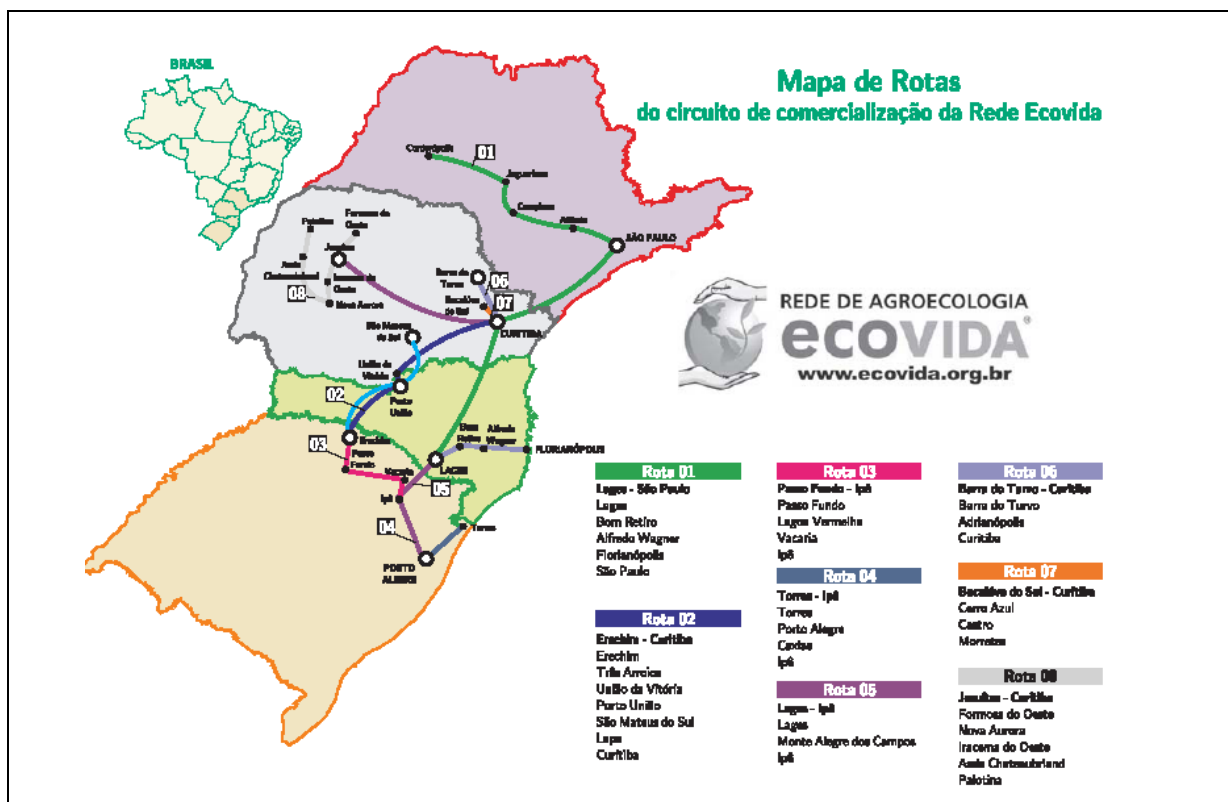


Figura 1: Mapa de Rotas do circuito de comercialização da Rede Ecovida. (Fonte: MAGNANTI: 2008, p. 28).

Materiais e métodos

Tal pesquisa foi realizada no âmbito do Cepagro – Centro de Estudos e Promoção da Agricultura em Grupo, com algumas idas a campo, sendo uma delas a participação no Encontro do Núcleo Litoral Catarinense que teve como intuito trocar experiências, planejar as atividades para o ano de 2008/2009 e renomear as funções anuais de Coordenação e Conselho de ética do Núcleo Litoral Catarinense. Outra saída a campo foi feita na Cooperativa Ecoserra – Cooperativa Ecológica dos agricultores, Artesãos e Consumidores da Região Serrana – em Lages, onde procurou-se diagnosticar o andamento do circuito, tanto nos aspectos positivos e suas potencialidades como também seus entraves.

Outros materiais e dados sobre o circuito foram adquiridos nas reuniões do Circuito da Rede Ecovida que ocorrem todo mês, onde os agricultores junto dos técnicos e assessores administrativos das organizações envolvidas fazem constantes balanços sobre o Circuito.

Também foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema, permitindo iluminar melhor a análise sobre o Circuito da Rede Ecovida enquanto novos arranjos de distribuição e comercialização entre os próprios produtores, mas também entre as redes de consumo.

Resultados

Até agora o Circuito é constituído por três rotas principais:

- 1- Erechim-Curitiba: tem uma extensão de 1.130 km e envolve 200 famílias agricultoras;
- 2- Lages-Curitiba-São Paulo: tem uma extensão de 2.100 km e envolve 280 famílias;
- 3-Barra do Turvo-Curitiba: tem uma extensão de 300 km e envolve 80 famílias.

Uma quarta rota está em processo de criação, e ligará o Planalto Serrano (Lages), o Alto Vale do Itajaí (Presidente Getúlio) e o Litoral de Santa Catarina (Florianópolis), com extensão de 450 km e cerca de 100 famílias agricultoras envolvidas. Além desta quarta rota do circuito que está em fase de implementação, outros núcleos da Rede Ecovida se mostraram interessados em participar formalmente do Circuito.

Outro grande potencial para o Circuito, que ainda está em fase de estudos e implementação, é o projeto de Reciclagem de óleo vegetal, realizado pelo Centro de Estudos e Promoção de Agricultura de Grupo – CEPAGRO – em Florianópolis, que recicla o óleo de fritura utilizado em restaurantes e casas para uso de combustível. Este projeto já beneficia alguns maricultores do sul da Ilha de Florianópolis, sobretudo no bairro Tapera. Esta é uma alternativa econômica, pois corta cerca de 75% dos gastos com combustível, ecológica, tendo em vista que o óleo de fritura é um grande poluente, e também uma alternativa social, visto que pequenos pescadores são diretamente beneficiados com tal projeto. “A utilização do óleo de fritura como combustível, além de poluir 75% menos que o diesel, também proporciona uma sensível economia de recursos. Um exemplo disso é o maricultor Ademir dos Santos, do Ribeirão da Ilha, que tem um barco adaptado para receber o óleo descartado. “Economizo cerca de R\$ 1.000,00 por mês”, diz Ademir. Além do barco dele, existe também uma Toyota movida a óleo de cozinha, que coleta o resíduo nos estabelecimentos parceiros” (www.cepagro.org.br).

Este projeto pode beneficiar fortemente os agricultores familiares de Rede Ecovida de Agroecologia, visto que o gasto com combustível é um dos maiores entraves para o transporte e para a comercialização destas mercadorias. Só o caminhão da Ecoserra – Cooperativa Ecológica de Lages vinculada à Rede Ecovida – tem um gasto de cerca de R\$ 5.000,00 mensal com combustível.

Discussões

O Circuito trabalha de acordo com alguns princípios, que o caracteriza de maneira diferente em relação à comercialização convencional de produtos alimentícios. Em relação ao primeiro princípio, para integrar o circuito é necessário que todos os alimentos sejam orgânicos, e produzidos de forma ecológica por agricultores que estejam vinculados à Rede Ecovida de Agroecologia, assim como, que possuam o selo de Certificação Participativa. Outro requisito para se integrar ao circuito é que os agricultores envolvidos se enquadrem na Agricultura Familiar, sendo assim caracterizados como pequenos e médios produtores agrícolas.

O segundo princípio do sistema do Circuito se refere à co-responsabilidade que todos os participantes do Circuito da Rede têm em relação às mercadorias dos outros produtores de outros locais. Ou seja, as organizações que vendem - sejam elas cooperativas, associações, ou agricultores familiares independentes – devem também se comprometer em comprar os produtos do Circuito, com o intuito de que todos sejam beneficiados, não só vendendo seus próprios produtos, mas também ajudando a vender os produtos dos outros participantes do Circuito. Isso também traz a vantagem de uma maior diversidade de mercadorias ofertadas nos mercados locais; como mercados, feiras, consumidores associados à Rede Ecovida, dentre outros. Além disso, esse sistema de co-responsabilidade mútua pelas mercadorias dos diferentes produtores de diversas estações e sub-estações do Circuito propicia uma grande economia nos gastos com frete, uma vez que os caminhões nunca circulam vazios entre as estações.

Conclusão

Tendo em vista que o Circuito Sul de Circulação de Alimentos da Rede Ecovida se desenvolve a partir de uma proposta de *um sistema de comercialização baseado nos princípios da economia solidária e da Agroecologia*, podemos concluir que este Circuito supera a visão convencional de comercialização e transporte de alimentos, pautada dentro de uma lógica produtivista e interessada unicamente na lucratividade.

Se levarmos em conta os dois princípios básicos que são desenvolvidos pelo Circuito da Rede Ecovida, confirmamos a afirmação de que este Circuito realmente não é *movido* de acordo com a lógica produtivista de comercialização de alimentos. Em relação ao primeiro princípio – que os integrantes do Circuito devem estar associados à Rede Ecovida de Agroecologia – podemos perceber uma certa coerência de percepções e valores entre estes

agricultores familiares agroecológicos, preocupados não somente com a produção de alimentos e sua comercialização, mas também comprometidos com uma outra maneira de produzir seus alimentos, através de *sóciotécnicas na agricultura*, de forma mais social e ecologicamente justa, interagindo de maneira mais harmônica e sustentável com a natureza.

O segundo princípio do Circuito – o de co-responsabilidade de compra e venda dos produtores da Rede – nos mostra como a *união* entre estes produtores potencializa valores de solidariedade, cooperação, conscientização ecológica, consumo consciente ecosolidário, de acordo com os princípios da Economia Solidária e da Agroecologia; viabilizando assim um outro estilo de comercialização, o qual poderíamos chamar de *Comércio Justo*, mais conhecido com *Fair Trade*, rumo ao *Desenvolvimento Territorial Sustentável*.



Figura 2: Palestra sobre o Circuito da Rede Ecovida no Encontro do Núcleo Litoral Catarinense, em junho de 2008.

Bibliografia

ARL, Valdemar. (2007) Caderno de Formação 01. Florianópolis: Rede Ecovida de Agroecologia, 46 p.

BOFF, Leonardo (1996) Dignitas Terrae. Ecologia: Grito da Terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática.

CADERNO de formação: certificação participativa de produtos ecológicos. Florianópolis: Rede Ecovida de Agroecologia, 48 p.

Esforia / Univesidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-graduação em Agroecossistemas. – v. 1, n.1 (jan./jun. 2003) – Florianópolis: PPGAGR, 2003.

GADOTTI, M. (2000) Pedagogia da Terra. São Paulo: Petrópolis.

MAGNANTI, Natal J. (2008) Circuito Sul de circulação de alimentos da Rede Ecovida de Agroecologia. Revista Agriculturas, v. 5 nº 2. p. 26-29.

MEADOWS, D. (org.) (1978) Limites do crescimento. São Paulo: Perspectiva.

MORIN, E & KERN, A. B. (1995) Terra-Pátria. Porto Alegre: Sulina.

MORIN, E. (2000) A cabeça bem feita. Repensar a reforma, reformar o pensamento. São Paulo: Bertrand Brasil.

SACHS, I (2007) Rumo a ecossocioeconomia. Teoria e prática do desenvolvimento. São Paulo: Cortez. (coletânea organizado por Paulo Freire Vieira)

